

/artigos

Além do fim do mundo

Ernesto Stedile Neto

<https://orcid.org/0009-0000-8461-6168>

ernestedile@proton.me

RESUMO: O presente artigo foi escrito no período conturbado do final de 2024. Escrevia como uma tentativa de dar nome a sentimentos conflituosos e compreender os acontecimentos, aqui descritos em tempo real. Foi preciso explorar as tecnologias de poder, desde suas mecânicas de controle psíquico até os dispositivos discursivos que justificam o lugar da opressão. No centro, está uma exploração crítica acerca do mecanicismo que pautou o projeto científico equacionando conhecimento e poder, e criando o pretenso lugar natural de um ideal masculino, inferido da oposição entre razão e emoção, intelecto e sensibilidade. Este ideal é visivelmente presente no cenário atual das big techs, onde inteligência e poder são performados ao ponto da caricatura. A tensão é transferida para a máquina e os organismos vivos. O isolamento e a conectividade. A previsibilidade e o caos. A certeza da morte e a eterna indisciplina da vida. Por fim, o artigo tateia o movimento que acompanha o ser vivo. Aquilo que engendra seu modo de explorar o mundo e sua propensão para resistir, conectar e criar.

Palavras-chave: tecno-autoritarismo; epistemologias feministas; gênero; inteligência; psicopolítica

ABSTRACT: This article was written in the turbulent period at the end of 2024. It was written as an attempt to put a name to conflicting feelings and understand the events, described here in real time. It was necessary to explore the technologies of power, from their mechanics of psychic control to the discursive devices that justify the place of oppression. At the center is a critical exploration of mechanism which guided the scientific project by equating knowledge and power, and creating the supposedly natural ideal of masculinity, inferred from the opposition between reason and emotion, intellect and sensitivity. This ideal is visibly present in today's big tech scenario, where intelligence and power are performed to the point of caricature. The tension is transferred to machines and living organisms. Isolation and connectivity. Predictability and chaos. The certainty of death and the eternal indiscipline of life. Ultimately, the article probes the movement that accompanies living beings. That which shapes its way of exploring the world imprinting a propensity to resist, connect and create.

Keywords: techno-authoritarianism; feminist epistemologies; gender; intelligence; psychopolitics

Introdução

Os dinossauros do capitalismo já estão juntando suas toneladas de dinheiro, um movimento que frequentemente alerta sobre o meteoro por vir . Há menos de uma semana um saurópode estadunidense, dono de uma grande empresa especializada em usar IA para negar cobertura médica aos pacientes, foi morto a tiros por um vigilante desconhecido . O evento causou uma enorme turbulência no discurso político, gerando discussões que se desdobram dia após dia em tensões de classe, deixando preocupados os donos do poder. Cicatrizes pós-pandêmicas, catástrofes climáticas, crescente de movimentos fascistas, extremismos religiosos e de gênero, distanciamentos de toda natureza possível de ser pensada. O colapso atual das estruturas sociais é ao mesmo tempo real e ilusório. Somos vítimas de uma sucessão de nada que acontecem diariamente e que colidem em uma cadeia causal de não-eventos sempre a uma distância infinitesimal do impacto. “O mundo não termina com um estrondo”, como dizia Eliot, seu último suspiro ecoa em um *loop* decrescente, um glissando embalado pela ilusão tonal do efeito Shepard.

Já ultrapassamos milhares de pontos de não retorno. Nos acostumamos a viver com as crises diárias que vão sendo normalizadas à força pela inércia. Nossos cérebros, embotados, encharcados de anestesia, apáticos após os bombardeamentos coordenados das artilharias digitais, já até desaprenderam a cintilar. É preciso respirar, mas descansar pode ser uma atitude suicida se você não souber se alojar com segurança entre as fendas da realidade.

Há alguns dias: Golpe de estado na Coreia do Sul. Depois: Confrontos monumentais entre civis e polícia na Geórgia enquanto a atual presidente Salome Zourabichvili, pró-EU, afirma que não deixará o poder. Dia seguinte: Anuladas as eleições na Romênia após a possível vitória de candidato de extrema-direita pró-Rússia. Hoje, 07 de dezembro de 2024, enquanto escrevo este texto, chega a notícia da queda do regime ditatorial de Bashar Al-Assad na Síria com a tomada por

revolucionários do ISIS e Al-Qaeda financiados pelos EUA, Israel e Turquia . Não presumo conhecer a complexidade e todas as nuances dos conflitos, porém é evidente a dinâmica por trás deles. As guerras de *proxy* são a moda que preludia nossa eterna terceira guerra mundial. Pessoas são embaralhadas, distribuídas e empilhadas: inseridas em um grande caça-níquel criado para recompensar a imprevisibilidade dos maiores apostadores. Assim, através do financiamento externo de campanhas ideológicas, movimentos terroristas, desinformação, conflitos e destruição, o império garante que cada dia mais e mais pessoas morram e bilionários enriqueçam. A morte é lucrativa: suas commodities se renovam no mesmo ritmo em que desaparecem.

Milhões de bombas caem na faixa de Gaza. A cada dia são inventadas novas formas de tortura física e psicológica graças ao incrível esforço entre a vontade de morte dos humanos e as inovações tecnológicas. Vemos as evidências brutais de um genocídio ao mesmo tempo que vídeos fofos de bichinhos, intrigas de celebridades e algum meme do momento. A guerra é total e onipresente. Não há distinção clara entre espectadores globais de combatentes, pois, compartilhar um vídeo ou uma informação falsa, é ajudar a criar a realidade onde a morte de um determinado grupo é justificada. Contrário à Clausewitz, aqui a política é a continuação da guerra por outros meios.

Drones que tocam sons de choros de mulheres e bebês para atrair civis para serem baleados, sei lá quantas crianças, idosos, seres vivos, usados de escudo, arrastados e esmagados pelos mais novos e inovadores gadgets militares, algoritmos que decidem quais comunidades serão dizimadas. Porém, insistentemente, sempre sobra algo a mais. Pois é, vai entender. Alguma forma de vida que emerge dos escombros. Algum grupo de sobreviventes que conseguiu rastejar para longe. Pela areia. Embaixo da terra. Com a ajuda dos resquícios de vida que permanecem no ambiente.

Até parece que esse mundo não foi feito para o humano. Talvez seja porque há algo de muito ancestral e primitivo ao nosso redor, algo muito maior que

assombra nossa memória coletiva. Antes mesmo da invenção do pão, antes da escrita do primeiro poema, ou antes de descobrirmos as maravilhas das bombas químicas no nosso sistema nervoso. Algo que esteve aqui todo esse tempo. Que viu todos os impérios crescerem e morrerem, todas as formações geométricas que erigiram do magma cristalizado, a primeira fotossíntese, a primeira planta, o primeiro *fóton*, o alongamento dos braços espiralados das galáxias fruto da dança gravitacional das estrelas.

Você para e olha para o lado, e se tiver paciência pode até sentir como se movimentasse essa coisa imemorial, lentamente. Você intui seus gestos nos lapsos do dia a dia, nos momentos em que as tecnologias de controle falham em capturar sua atenção. Talvez o segredo daqueles que sobrevivem seja esse. Sempre sobra algo a mais, até mesmo nos destroços mais perfeitamente planejados de uma cidade: porque existe alguém que se recusa a morrer. Essa é uma escolha política.

1. A máquina de destruição planetária

Negamos a política à natureza por desconhecimento da sua capacidade de agência. Olhamos para o universo, tentamos entender sua infância e seus estágios de gestação, mas, frequentemente esquecemos de perguntar o que o universo tem para nos dizer sobre si. Quais foram os efeitos dos seus traumas, o que pensa sobre suas estrias de crescimento, o que deseja e com o que sonha quando dorme em silêncio? Escrever sobre a história do mundo é também um ato que força a nos situarmos politicamente diante dele. Vimos desde Prigogine e Stengers a Lee Smolin como as próprias leis da física podem ter sua historicidade, suas afiliações e dinâmicas. Porém, por causa da nossa pequena escala, nos enganamos com a aparente homogeneidade do cosmos, um equívoco que Hume atribuía ao hábito, e confundimos seu silêncio com indiferença e ausência de espírito. A matéria é viva e ressoa em uma temporalidade que transcende nossa capacidade de descrição. É justamente no limite dos sentidos e do pensamento, onde opera a lógica da indiscernibilidade, que nos aproximamos do conhecimento que o cosmos tem de si. Por isso o conhecimento

emerge da tentativa de romper as fronteiras que nos separam do mundo: um ato de afirmação da liberdade e do amor pelo existente, paradoxalmente dependente do impossível. E por ser uma expressão de liberdade, o estatuto do conhecimento também está em jogo nos nossos conflitos por poder. Na luta pelo poder, a máquina do império tenta cooptar a potência disruptiva do conhecimento, convertendo-a em uma ferramenta de controle e previsibilidade. Um ato de paródia do nosso vínculo arcano com o mundo. Uma farsa destinada à autodestruição e obstinada a levar os outros consigo.

Segundo Carolyn Merchant, a instrumentalização do conhecimento para reforçar o domínio do homem sobre a natureza teve seu florescimento no período da Revolução Científica, impulsionada por ideais mecanicistas. O método científico surge como forma de corrigir o conhecimento mágico do renascimento, buscando disciplinar e objetivar a natureza, reduzindo-a a um sistema com peças manipuláveis. Esta atitude epistêmica simboliza aquilo que Derrida chamou de falocentrismo, o privilégio masculino por trás de uma determinada noção de razão que dita a construção de sentido e objetividade.

As epistemologias feministas mostraram como estes padrões de opressão são perpetuados por todos discursos que se pretendem neutros e universais. A noção moderna de razão, gestada nas tensões antropocêntricas da revolução científica, sustentava as desigualdades vigentes ao apagar as subjetividades do processo epistêmico. Um processo pautado por vícios mecânicos que pretendiam suprimir a “propensão humana universal para julgar, interpretar e estetizar” e vícios aperspectivísticos que pretendiam “eliminar as idiossincrasias de observadores particulares ou grupos de pesquisa” (DASTON, 2017, p.63). O mecanicismo suplantou a ideia de transformação como intrínseca à dinâmica da natureza por hierarquias externas de subserviência. Como consequência, o próprio conhecimento foi debilitado, pois a dinâmica da transformação é responsável por manter o incompreensível no processo epistêmico, um jogo que permite a reescrita contínua dos limites entre humano e o mundo. As múltiplas subjetividades diagonalizam os

conceitos e expandem o pensamento em extensão, estruturando sempre um conjunto incompleto. O mecanicismo, por sua vez, se funda em sistemas rígidos que projetam uma trajetória bem definida de progresso: presume que o conhecimento opera pelo distanciamento linear e avança em uma corrida pelo domínio do trono divino.

A lógica por trás do processo de exclusão fica explícita quando vemos os simbolismos usados para justificar o lugar do homem no mundo. Discursos que se baseiam nas oposições binárias entre masculino e feminino para inferir um gênero como sendo a inteligência e o outro como a emoção (PLUMWOOD, 1993). Desde a revolução científica, a natureza foi associada ao papel pretensamente natural da feminilidade e, portanto, marcada pela histeria, rebeldia e caos, precisando ser posta no seu lugar à força pelos homens de juízo. Merchant mostra esse funcionamento discursivo através de Bacon, um dos pais da ciência moderna. O filósofo pregava por uma “inquisição da natureza” pois, segundo ele, ela era “obrigada a servir” e deveria ser feita de “escrava”, colocada “em restrição” e “moldada” pelos mecanismos da ciência (MERCHANT, 2019, p.169). Metáforas de gênero parodiavam as dinâmicas masculinas de dominação e seu uso era frequente no vocabulário científico, havendo até mesmo analogias de tortura e estupro para representar o conhecimento da natureza. Antes que uma empreitada pela descoberta das leis ocultas do universo, a nova ciência reconhecia sua perspectiva antropocêntrica e afirmava, em nome do bem da humanidade, a necessidade do real de se curvar diante das suas estruturas. Por este motivo era recorrente o medo de que “a natureza violasse suas próprias leis, de que a armação cósmica desabasse e de que o caos e a anarquia dominassem sob a aparência de ordem” (MERCHANT, 2019, p.126). Merchant mostra como este medo derivou de um período de profunda instabilidade, alimentado pelas guerras ideológicas e religiosas, a crescente do apelo pela autoridade dos antigos e a mudança que o individualismo vinha causando nas subjetividades. A destruição generalizada pressiona as psiques até o limite. O homem com medo de perder seu lugar natural de controle, se move inconscientemente em

direção ao abismo enquanto tenta juntar os cacos do seu mundo para mantê-los remendados. O medo desemboca no medo. E a sua repressão somada ao ressentimento com a mudança incita os corpos à formação de guerra. Um sentimento que atua como presságio da desintegração entrópica, inevitável, dos sistemas de controle.

Como resposta à opressão implícita em certos discursos científicos Haraway (1988) propõe uma forma de conhecimento vinda de uma visão parcial e subjetivamente demarcada, atenta aos liames do poder. O saber material, consciente de sua história e contexto, pode possibilitar o posicionamento racional sem a alegação de falar no lugar de um outro. Contra o mecanicismo e seu “truque de Deus”, que age em nome de uma “visão a partir de lugar nenhum”, são necessários conhecimentos materialmente situados capazes de atuar costurando suas perspectivas no escopo comunitário e não individual. Deste modo, continua Haraway,

a ciência torna-se o mito, não daquilo que escapa à ação e a responsabilidade humana em um reino acima da luta, mas antes da responsabilidade pelas traduções e solidariedades que ligam as visões cacófonas e as vozes visionárias que caracterizam os saberes dos subjugados. Uma divisão de sentidos, uma confusão de voz e visão, em vez de idéias claras e distintas, torna-se a metáfora da base do racional. (Haraway, 1988, p.590)

2. Vida e inteligência

É irônico que os nossos atuais ultra bilionários, donos dos impérios tecnológicos, se colocam como preocupados com a preservação da vida. Um sentimento que em contrapartida não constitui uma ética ou uma base política para pensar o mundo, pois não é uma preocupação com a vida enquanto tal. É evidente como suas ideias partem deste medo da perda do seu lugar de direito no horizonte de poder. A vida, para eles, simboliza aquilo que está aí já dado, e é tudo o que eles conhecem e são capazes de conhecer. Não é à toa que suas ideias são sempre perfeitamente viáveis e antenadas à realidade do cidadão comum: os diversos

bilionários locais dos nossos bairros e comunidades. Desde ideias como colonizar outros planetas para garantir uma escapatória da catástrofe na Terra, até mesmo implantar o cérebro em uma máquina para viver eternamente. Figuras como Elon Musk foram grandes propulsoras de teorias que alertam sobre os “perigos de uma superinteligência artificial colonizar e aniquilar a humanidade”. Por sua vez, avançam na corrida pelo controle dessa superinteligência disfarçando seus desejos de dominação por preocupação.

A noção de evolução como um processo linear colonizatório, de dominação e apagamento de estados prévios, é em si mesma enviesada pelo mecanicismo que falha em entender como formas de pensamento surgem a partir da multiplicidade e cooperação. Por isso, ao tentarem imaginar uma inteligência hierarquicamente superior na escala de dominação, projetam nela suas mecânicas de guerra. O medo da revolta dessas outras formas de inteligência, demasiadamente esotéricas para o homem de pouca imaginação, evidencia um reconhecimento inconsciente sobre a destruição que causam em nós e na natureza. Eles têm um medo profundo de descobrir que não fazem parte da vida.

Os donos das *big techs*, os mamíferos com maior quantia de dinheiro do planeta terra, confundiram sua posição de privilégio com mérito. Eles se auto-qualificaram como os grande homens, de virtude e inteligência, responsáveis pelo rumo do planeta. Timnit Gebru e Émile Torres (2024) cunharam a sigla TESCOREAL para designar o conjunto das ideologias dominantes entre os bilionários investidores de capital de risco e as empresas do vale do silício. A sigla denota: “transhumanismo, extropianismo, singularitarismo, cosmismo (moderno), racionalismo, altruísmo efetivo, e longtermismo”. Cada movimento filosófico tem seus defensores e proponentes e o conjunto não deve ser tido como algo estático. Porém, ao todo podemos observar uma linha comum que conecta cada -ismo do pacote de filosofias: o transhumanismo mais ingênuo e alienado do seu contexto socioeconômico moldado sobre um ideal narcísico do homem. Os mesmos ideais do humanismo moderno, como já criticava Lévi-Strauss, porém amplificados e adaptados aos novos

jargões das *Big Techs*. O falocentrismo como a perpetuação de preconceitos de gênero, raça e etnia disfarçados de discurso da razão.

Os autores mostram como não à toa essas ideologias derivam diretamente de movimentos eugenistas e são responsáveis por popularizar no cenário discursivo, por exemplo, conceitos do racismo científico . A noção de inteligência é uma das peças centrais neste maquinário discursivo e esteve na formação do binômio homem-razão validando as oposições binárias entre inteligência e emoção e consequentemente masculino e feminino. Porém, antes de um conceito objetivo e puramente intelectual, é uma peça de poder psíquico pois seduz os homens inseguros, emasculados pelos avanços dos movimentos de gênero, e os oferece uma justificativa capaz de resolver os males do mundo. Os homens de razão têm direito de estar no fronte do poder, afinal somente eles com seus dons divinos conhecem o que é certo e sabem como melhor comandar o mundo em favor do avanço da humanidade. Elon Musk, por exemplo, fala sobre a sua preocupação em “legalizar a comédia” e combater o “vírus da ideologia woke”. Já Zuckerberg reclama da “falta de energia masculina” em sua empresa de meio trilhão de dólares. Há também uma fixação frequente com o período do Império Romano, representante desse ideal masculino de dominação e grandiosidade. Musk mantém uma espécie de culto de procriação que acredita ser necessário para o inevitável processo de colonização planetária . Zuckerberg veste camisas com frases como “Aut Zuck aut nihil”. Por sua vez, Alex Karp, CEO da Palantir, deixa explícito o que está por trás afinal de todos esses jogos de poder ao lembrar vangloriando-se que, “a ascensão do Ocidente não foi possível pela superioridade de suas ideias, valores ou religião... mas sim por sua superioridade na aplicação da violência organizada”. Karp, cuja tese de doutorado em filosofia intitulada “Aggression in der Lebenswelt” problematizava a naturalização da violência na linguagem, agora diz com orgulho que as tecnologias de coleta e análise de dados que sua empresa oferece são “usadas ocasionalmente para matar pessoas”.

Os autoproclamados defensores da razão e do intelecto são hipnotizados pela tecnologia porque ela pode ser uma forma fácil de realizar o poder e, portanto, pode parecer que é nela que o poder reside. Vemos como a fórmula Baconiana onde conhecimento = poder é utilizada para igualar inteligência e dominação, superioridade e violência.

O ato de submeter o mundo à força em um sistema rígido não condiz com a capacidade de quebrar padrões e encontrar conexões inesperadas entre conceitos. O ato de dizimar a diversidade não parece combinar com o conhecer. É justamente a dinâmica não-linear de transformação do cosmos, perpetuamente aberta e inapreensível, que pode ser entendida por si como uma inteligência implícita à natureza. Deste modo, inteligência seria o potencial de plasticidade e conexão, entre o extremo da morfogênese e a explosão formal e oposta à homeostasia mantida pelas máquinas (Cf. MALABOU, 2022). Ou aquilo que entendemos por adaptabilidade, geratividade e conexão, características presentes nos paradoxos entrópicos performados pela matéria viva para manter sua sobrevivência. Saciamos a fome metabólica do organismo gerando informação para o ambiente, e a inteligência, por sua vez, acha novos meios de gerar e redistribuir nutrição. Portanto, a tecnologia é tão mágica quanto podemos torná-la. Sua magia decorre da força gerada pelo vínculo entre os participantes, humanos, não-humanos, materiais ou não, que tornam o ato um acordo mútuo de expansão do possível. Uma nova forma que pode ser expressa, uma nova palavra ou sentimento para expandir o cosmos. O contato entre elementos que até então pareciam distantes, mas que agora compreendemos sua conexão como vinda de uma longa amizade. Talvez para combater a cooptação da inteligência entendida pela fórmula Baconiana, deveríamos retomar a metáfora de Platão onde conhecimento = eros.

Pois a inteligência não está nas mentes dos gênios, esperando pela boa vontade deles para ser projetada sobre a matéria inerte, nem está delimitada a objetos específicos, ícones, milagrosamente escolhidos por deus dentre todas as outras configurações materiais do existente. A inteligência surge do ato de conexão,

portanto, é diametralmente oposta à destruição. É uma qualidade relacional que depende do estado final dos participantes. É a tecnologia que mantém ativo o jogo da vida e em troca, tece redes que interligam a matéria, criam espaço, criam realidade. Não temos posse da inteligência porque não temos posse do mundo. Isso parece ser especialmente difícil de entender quanto mais dinheiro e poder você tem.

Em seu manifesto tecno-otimista, o bilionário e investidor de capital de risco, autoidentificado como *TESCREALista*, Marc Andreessen, comenta em um tom combativo: “nos dizem para renunciar ao nosso direito de nascença – nossa inteligência, nosso controle sobre a natureza, nossa habilidade de construir um mundo melhor”. Existimos aqui nessa terra e em nome do bem comum destruímos, matamos e mijamos uns nos outros para marcar território, porém, segundo o autor, nosso verdadeiro inimigo é o “anti-mérito, anti-esforço” a “anti-ambição, anti-realização e anti-grandeza”. Logo, Andreessen continua e conclui: “tecnologias de inteligência artificial mais avançadas poderão salvar incontáveis vidas futuras e aqueles que trabalham para desacelerar ou prevenir o progresso delas deverão ser condenados como assassinos”. Essa ideia está enraizada no longtermismo, (o L de TESCREAL) uma espécie de “utilitarismo mágico” que Musk já declarou ser muito próxima de sua visão de mundo. Em vez de se contentar com pessoas em trilhos de trem hipotéticos eles colocam na balança, de um lado, o lindo futuro hipertecnológico e do outro, os problemas sociais atuais como fome, miséria e guerra. Para eles esse experimento mental tem uma resposta óbvia. Uma visão bem expressa pelo *slogan* future lives matter.

Mas talvez os ideólogos e intelectuais mais importantes para os techbros do vale do silício são os criadores do movimento neo-reacionário (NRx) Curtis Yarvin (conhecido pelo pseudônimo Mencius Moldbug) e Nick Land. Yarvin, além de ter sido o criador do símbolo redpill como representante da direita conservadora, prega abertamente por um tipo de feudalismo high-tech, globalmente distribuído em microrregiões, onde os CEOs são tidos como os novos senhores feudais, como explica em seu livro *Patchwork: Um sistema político para o século 21*. O autor fala

frequentemente, por exemplo, como temos que “perder a nossa fobia de ditadores”, sua visão de homens visionários ecoa perfeitamente as ilusões de grandiosidade das oligarquias tecnológicas. Outros grandes pensamentos do autor são a defesa da escravidão baseada na ideia da superioridade entre as raças, e a defesa do massacre neonazista de 2011 na Noruega (porém com a ressalva de que o assassino “não matou esquerdistas o suficiente”). Em sua análise, ao se deparar com o problema de como lidar com aqueles que impedem a realização da sua utopia, Yarvin propõe o que ele chama de uma “alternativa mais humanitária para o genocídio”, ou seja, uma solução ideal que alcance os “mesmos resultados do assassinato em massa: a remoção dos indesejáveis da sociedade”. Esta solução pode ser ilustrativa se quisermos pensar em formas de nos contrapor a apatia cósmica que está eclipsando nossa sociedade. De acordo com o autor, a melhor solução seria utilizar a tecnologia para isolar o indivíduo.

Um humano virtualizado está em confinamento solitário permanente, encerrado como uma larva de abelha numa cela que está selada, exceto em casos de emergência. Isto o levaria à loucura, exceto se a cela contivesse uma interface imersiva de realidade virtual que lhe permitisse experimentar uma vida rica e gratificante num mundo completamente imaginário. Os mundos virtuais de hoje já são suficientemente excitantes para distrair muitas pessoas das suas vidas reais. E vão ficar ainda melhores. Neste cenário, o emprego produtivo também não é excluído—por exemplo, os doentes (do inglês, wards. O autor se refere aos indesejáveis) podem efetuar trabalhos manuais através da telepresença. No entanto, como membros da sociedade, eles poderiam muito bem não existir. E como as celas são seladas e não precisam de guardas, a virtualização deve ser muito mais barata do que a prisão atual (MOLDBUG, 2017).

A solidão voluntária é louvada como uma alternativa descentralizada para o sistema carcerário, capaz de manter os indivíduos distantes e perfeitamente integrados com o maquinário de controle. Vivemos em um contexto de individualismo extremo. Cada um enfrenta suas lutas psíquicas internas e na maioria das vezes acaba sendo derrotado por exaustão. O mundo que querem impor não foi feito para nós. É mais fácil que aceitemos e que normalizemos a aniquilação. E já que é pra garantir que bilionários tenham seus escravos robôs e seus ônibus movidos à biodiesel humano, seria bom que não existíssemos de uma vez.

3.Solidão

O fascismo sobrevive de forma parasitária porque se apropria dos rastros deixados pela vida. Nunca antes estas ideias orgulhosamente autoritárias estiveram tão populares e próximas de um lugar de poder (Cf. WARD, 2024). Aliás, aqui vai mais uma atualização: Dia 09 de dezembro de 2024, é preso o principal suspeito do assassinato do CEO da UnitedHealthcare. Coincidentemente ou não, além de seu perfil checar vários itens vistos anteriormente, o suspeito acredita diretamente com algumas das filosofias obscuras do TESCREAL. Não cabe aqui destrinchar a complexidade política em torno do assassinato e da sua repercussão. Nem refutar o ato político ao manifestar qualquer tipo de contradição. O ato revolucionário vindo de um lugar politicamente alienado somente reforça a ideia de que a dissolução está frustrando até aqueles que deveriam se beneficiar dela. A saída à aniquilação não é sanitizar nossos grupos políticos, mas traçar conexões, abrir flancos, para que a magia tectônica que emana do universo possa se infiltrar e propagar sua força vital.

O poder aniquila porque não só deseja a destruição mas também a experiência em ato, contra si e a despeito de si. Assim os homens de razão são corroídos lentamente porque o peso do ideal que carregam é insuportável. É em nome do homem puro que edificaram as máquinas de morte e é tentando ser como ele que foram se devorando entre si. Não é preciso desejar ativamente a aniquilação para ajudar a realização do seu projeto. Para além dos padrões de subjetividade culturalmente aprendidos há também as tensões naturais da psique. A grande maioria dos indivíduos têm suas frustrações e medos instrumentalizados e vão se aliando à forças perigosas movidos pela vontade inconsciente de acolhimento. O poder, por sua vez, sofisticou suas tecnologias de controle. Décadas de métricas comportamentais e estatísticas sobre o tipo de conteúdo que consumimos, o que gostamos e não gostamos, o que fazemos quando estamos tristes ou quando estamos vulneráveis, possibilitaram domesticar nossos afetos e nos manter cúmplices com a realidade capitalista. Emoções, estéticas, modas, gostos, são simples produtos de consumo, cuidadosamente curados e expostos para nós nesses grandes shoppings

de subjetividades que são as redes sociais. Os algoritmos transformaram nossos reflexos em um ciclo vicioso de radicalização. É um conflito entre o controle mecânico das estruturas e a plasticidade orgânica dos corpos. O corpo quer se manter vivo mas existir, na linguagem contraditória da matéria, não é um ato individual: só é possível na conexão com um outro mutuamente coexistente.

Nossa geração é a mais propensa a problemas psíquicos como depressão e ansiedade. É a primeira a ser mais conservadora e reacionária (RUDRA, 2023) e que reprime sua sexualidade por influência do conservadorismo (LEHMILLER, 2024; BORRESEN, 2024). Os homens têm se tornado mais machistas e com movimentos cada vez mais perigosos, aumentando a divisão política em torno de gênero (COX, 2023, 2024; REEVES, 2024). Há a chamada epidemia de solidão, que já é tida como questão de saúde pública. Todo retrocesso é estimulado pelas redes sociais pois configura a maior parte da sua renda, sendo a misoginia o discurso mais lucrativo (SANTINI, R. M. *et. al.*, 2024) e 4 vezes mais presente na internet que a soma de todos os outros discursos de ódio (DECLERCQ, 2024). Estes são apenas alguns exemplos de uma grande lista de problemas contemporâneos.

O contínuo aumento de extremismos em escala global, como o masculinismo, é fruto desse mesmo processo de manutenção discursiva do poder. Uma justificativa comum do ressentimento desses homens é culpar os avanços de políticas feministas e estudos de gênero, pois, acreditam que “quanto mais mulheres ganham igualdade, mais os homens são deixados de lado”. Esta é a exata mesma lógica que supremacistas brancos usam para justificar que “quanto mais direitos às pessoas negras, menos direitos para os brancos”. A conspiração para nos deixar desacompanhados e perdidos, tem avançado de forma eficaz, fazendo de nós seus vetores voluntários de propagação.

Em contrapartida, é possível sentir por todo lado uma carência por ações revolucionárias verdadeiramente subversivas capazes de nos colocar de volta ao fluxo da vida. O corpo excede qualquer tipo de controle, e qualquer organismo, independente do seu posicionamento político, tem a explosão como consequência

inevitável do estresse. Cada campo político, por mais diferente entre si, produz seus discursos em torno das suas identidades transgressoras ideais. Veja só. Os masculinistas e *incels* falam do homem alfa, puro, intocado pelas “degenerações feministas” do mundo moderno. Os coaches e neoliberais falam do inovador proativo, *outlier*, que dobra o mercado com o puro poder do seu *mindset*. Os bolsonaristas e reacionários constroem seu mito em torno do homem destemido perseguido pelo sistema. Por sua vez, nomes como Olavo de Carvalho e Jordan Peterson ajudaram a propagar no imaginário popular a ideia de que “ser cristão e conservador é a nova contracultura”.

Sussurrámos nos corredores da cidade sentimentos de frustração e às vezes até conseguimos falar em voz alta, antes de nos recolher para nossos abrigos individuais, que “algo precisa ser feito”. Desaprendemos a nos expressar por medo e mesmo nosso medo não tem lugar seguro para vazão. Pois nossa indignação, nossa alegria e dor, são plastificados e reproduzidos em massa porque não passam de objetos comercializáveis. Em nome da previsibilidade e da possibilidade de controle, sujeitos são moldados, manipulados, empilhados ou substituídos por máquinas para otimizar o lucro. Porém aquilo que move a expressão genuína do corpo não tem causa nem nome. É a pura potencialidade da vida capaz de gerar o novo ao mesmo tempo que mantém magicamente, a despeito da entropia, os vínculos benéficos pré-estabelecidos entre os seres. É o que todo organismo anseia e, portanto, o que o poder mais teme.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história (KRENAK, 2019, p.13-14).

É preciso reconhecer as linhas que conectam nossos corpos entre si. Se a alienação do indivíduo e entorno é a lógica que leva ao cosmocídio, para reverter a

máquina de destruição planetária é necessário ser capaz de tratar nossas linhas com toda gentileza possível.

4. Sobre a alma do mundo

Ninguém decidiu nascer. Não foi contra nossa vontade porque nossa vontade ainda não tinha forma. Não podemos afirmar que fomos vítimas de um ato de desrespeito nem que fomos contemplados com um presente. Nascemos e nossos aparelhos sensitivos logo captam os dados codificados do mundo. Porém, só podemos interpretá-los a partir de nós mesmos, não importa quão confusos estamos. A ausência de consciência nesse processo logo é traduzida em revolta e indignação e nosso eu recém-nascido diz – “Não é possível! O que isso significa? Não é possível que eu simplesmente exista!”. Porque do nada nós surgimos, porém, já viemos à existência com algumas peças faltando. Temos que lidar com este trauma pré-natal por toda a vida. Temos cicatrizes e estigmas por todo corpo e quanto mais você as trata mais descobre os escombros de uma antiga civilização. Você olha ao seu redor tentando encontrar pistas sobre seu antepassado mas percebe que as mesmas marcas estão presentes nos outros seres. Compartilhamos da mesma confusão e da mesma ignorância. Pode ser que nos sintamos abandonados, como um cachorro deixado na estrada, mas vale lembrar da ausência de sentido e intencionalidade por trás da nossa chegada. Podemos usar nossa recém adquirida capacidade de volição para transmutar o trauma em saudade. E saudade é carinho. Assim, o mundo inteiro também pode ser desejado, delicadamente, porque não existe separação entre nós e a alma celeste que desejou a nossa existência.

Por mais nublado e incompreensível este sentimento primitivo que nos acompanha de nascença, é por causa dele que somos capazes de ação. Alguns acham o seu peso insuportável e são atormentados cada segundo da sua vida, desviando a sua atenção, imaginando que é possível se livrar dele e que se não olharem ele irá sumir. Porém comemos religiosamente esse sentimento sem saber. Por vezes ele parece se fazer vagamente presente, nos convidando para compreendê-lo, nos

seduzindo, nos chamando para brincar, seja nos nossos momentos de solidão e auto-reconhecimento ou nos instantes místicos onde até mesmo a imaterialidade e a anamorfose deixam de agir para que duas almas se toquem. Por isso por ele sofremos e perdoamos, e nos inspiramos, buscamos aprender, escrever, construir, rir e transar. E por ele catapultamos tijolos para quebrar os crânios de gigantes.

As teorias do caos nos falam sobre o determinismo aberto dos processos que nos atravessam. Caminhamos assim entre liberdade e determinação, entre a ausência de uma verdade última e o comprometimento com uma ficção que nós seguimos criando. Reconhecemos nossa limitação em conter a desordem que emerge da complexidade ao mesmo tempo que entendemos a necessidade de nos responsabilizar. É possível afirmar o nosso direito à ingenuidade mesmo tendo conhecimento da crueldade ao nosso entorno. Amar como uma tática de guerra e não esquecer das desgraças, ainda que, no contexto cósmico, os grandes homens do império serão apagados para sempre da história.

Devemos nutrir a nossa empatia porque é possível fazer da sua delicadeza um dinamite. É possível expressar nossa fragilidade como uma demonstração de força. É possível ser firme e assertivo, sem agressividade. Incendiar sem fogo. Acolher e devorar. Talvez por isso poderíamos dizer que os paradoxos são como os pontos de força da nossa faculdade de conhecimento. O chamado “progresso” ocorre não porque acumulamos uma quantia suficiente de blocos elementares para construir o império indestrutível da razão. Progredimos crescendo por todos os lados encontrando sempre novos limites e reescrevendo nossas estruturas internas de acordo com as demandas coletivas. E porque nos deram até mesmo a capacidade de desejar o impossível, teimamos em morrer, em aceitar o definitivo, e acabamos sempre encontrando novas rachaduras nos tetos provisórios das nossas cabeças. Essa é a nossa história, não é o épico dos heróis mas os mitos sobre a colaboração, a imperfeição e a finitude.

Assim, era uma vez, nós, desenhando nas paredes da caverna. Era o impulso mais primitivo que conhecíamos. Não sabíamos o porquê, mas era preciso desenhar.

Era preciso se expressar como se aquilo fosse a um só tempo nossa carta de apresentação e despedida. Porque aquilo era nosso dicionário, nosso cinema, nossa alma coletiva impressa na superfície rochosa de calcário. E nas paredes não falávamos só entre nós. Nossas tecnologias sempre permitiram o diálogo entre diferentes espaços e temporalidades. projetávamos imagens com nossas lascas de carvão e sons com nossas flautas de ossos. Portanto desenhávamos nosso mundo, nossos animais, nossos vínculos para dizer para nós e para o futuro – “Olha! Esse sou eu. Esses são meus amigos. Essas são minhas fronteiras e disputas. Pra lá corre o rio que recorta meu mundo. A solidão me causa desconforto. Eu tenho fome. Eu também tenho medo.”

As paredes das nossas cavernas foram mudando de forma com o passar dos milênios. Mesmo em balões, castelos, pirâmides, nas ruas e nas pontes, não fizemos nada até hoje que não seja expressar nossa frágil existência. Se quisermos continuar participando dessa experiência coletiva que é a vida, é preciso voltar a desenhar imediatamente. Se expressar, desenhar nosso ecossistema e listar todos as permutações que conhecemos da matéria.

Já que nos afastam e nos restringem é preciso ser capaz de cultivar uma inteligência clandestina. Aliar o potencial revolucionário da imaginação ao espírito profundo enraizado na terra. Contrabandear afetos com nossas guerrilhas de amantes. Contrabombardear os postos das milícias da razão com surrealismo incompreensível. Traçar rotas subterrâneas para que o vínculo celeste possa fluir e conectar nossos corpos ao infinito. Seja no barro, no asfalto ou nos labirintos de circuitos eletrônicos. Precisamos de uma empatia radical, porque o caos também é capaz de gentileza. É pelo caos que amamos agressivamente, que cuidamos dos nossos laços com o mesmo zelo de uma mãe com seus filhos. Que lembramos da nossa aliança com toda matéria e espírito e mantemos o acordo de mútua cooperação que assinamos antes de sair do útero materno.

Não resignamos porque não faz sentido na nossa linguagem existencial. Afinal, existimos de favor, como hóspedes, pois nem a terra e nem mesmo nossa

vida são propriedades nossas. E se preciso vamos seguir e proclamar uma insurreição contra a realidade. Não para substituí-la, mas para desdobrá-la. Porque sabemos que ela já se ajeita e se desdobra por conta própria. Ouvimos as súplicas da terra. E afirmamos nosso direito de ser ingênuos e existir, nem que seja para permanecer mais um minuto com ela.

Precisamos voltar a escrever nas paredes que sustentam a realidade nossas alianças e nossos códigos de conduta. Não são proibições, não queremos controlar os portões já tão estreitos de entrada à vida. Mas é preciso escrever um alerta, claro e inequívoco, aos desavisados: Que não entre aqui quem não souber amar.

* * *

REFERÊNCIAS

ANDREESSEN, M. **The Techno-Optimist Manifesto**. 2023. Disponível em: <https://a16z.com/the-techno-optimist-manifesto/>. Acesso em 6 dez. 2024

BORRESEN, K. **5 Big Sex Issues Gen Z-ers Bring Up In Therapy All The Time**. **HuffPost**, 22 mar. 2024. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/gen-z-therapy-sex-issues_1_65f9cd49e4b0d47c510033bb. Acesso em: 7 dez. 2024

COX, D. A. **Are Young Men Becoming Conservative? The Survey Center on American Life**, 15 jun. 2023. Disponível em: <https://www.americansurveycenter.org/newsletter/are-young-men-becoming-conservative/>. Acesso em: 7 dez. 2024

COX, D. A. Gen Z Gender Gap: Young Men and Women Don't Agree on Politics. **Business Insider**, 2024. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/gen-z-gender-gap-young-men-women-dont-agree-politics-2024-1?op=1> Acesso em: 7 dez. 2024

DASTON, L. **Historicidade e objetividade**. Org. Tiago Santos Almeida. Tradução de Derley Menezes Alves e Francine Iegelski. 1. ed. São Paulo, SP: Editora LiberArs, 2017.

DECLERCQ, M. **A internet que odeia mulheres: cultura red pill cresce e ataques viralizam**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2024/04/12/mulheres-sao-alvo-de-odio-na-internet.htm>. Acesso em: 11 de maio de 2025. *Tab Uol*, [S.l.], 12 abril 2024.

DODDS, I. The very online 'gray tribe' philosophy of alleged UnitedHealth killer Luigi Mangione. **The Independent**, 12 dez. 2024.

DUFOURMANTELLE, A. **Power of Gentleness: Meditations on the Risk of Living**. New York: Fordham University Press, 2018.

GEBRU, T.; TORRES, É. P. The TESCREAL bundle: Eugenics and the promise of utopia through artificial general intelligence. **First Monday**, [S. l.], v. 29, n. 4, 2024. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/13636>. Acesso em: 7 dez. 2024.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575, 1988.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEHMILLER, J. J. **Is Voluntary Celibacy on the Rise? Psychology Today**, 2024. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-myths-of-sex/202407/is-voluntary-celibacy-on-the-rise>. Acesso em: 7 dez. 2024

MALABOU, C. **What Should We Do with Our Brain?** New York, NY: Fordham University Press, 2022.

MCKERNAN, B. & DAVIES, H. **‘The Gospel’: how Israel uses AI to select bombing targets in Gaza**. 2023. [s.l.] The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/dec/01/the-gospel-how-israel-uses-ai-to-select-bombing-targets>. Acesso em: 7 dez. 2024.

_____. **‘The machine did it coldly’: Israel used AI to identify 37,000 Hamas targets**. 2024.

[s.l.] The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2024/apr/03/israel-gaza-ai-database-hamas-airstrikes>. Acesso em: 7 dez. 2024.

MERCHANT, C. **The Death of Nature: women, ecology and the scientific revolution**. 40. ed. [s.l.] HarperCollins, 2019.

MOLDBUG, M. **Patchwork: A Political System for the 21st Century**. Unqualified Reservations, 2017.

REEVES, R. V. **The Global Gender Divide We Really Should Be Talking About**. TIME, 6 abr. 2024. Disponível em: <https://time.com/6963752/great-global-gender-divide/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

RUDRA, P. **Is Gen Z the most conservative generation in history?** The New Statesman, 2023. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/politics/society/2023/11/gen-z-most-conservative-generation-radical-youth> Acesso em: 7 dez. 2024.

SANTINI, R. M. et. al. **Golpes, fraudes e desinformação na publicidade digital abusiva contra mulheres**. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em 08 de março de 2024.

WEIZMAN, E. **The art of war: Deleuze, Guattari, Debord and the Israeli Defence Force**. Mute Publishing Limited, , 8 mar. 2006. Disponível em: <https://www.metamute.org/editorial/articles/art-war-deleuze-guattari-debord-and-israeli-defence-force>. Acesso em: 7 dez. 2024.

WARD, I. The Seven Thinkers and Groups That Have Shaped JD Vance's Unusual Worldview. **POLITICO**, 2024. Disponível em: <https://www.politico.com/news/magazine/2024/07/18/jd-vance-world-view-sources-00168984>. Acesso em: 6 dez. 2024.

Recebido 02/06/2025

Aprovado

01/12/2025

Licença CC BY-NC 4.0

